

SURDEZ E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS PRÁTICAS DE ENSINO DE SURDOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM TERESINA-PI

Maria de Lourdes Nascimento Rocha (UFPI)
mnrocha2011@bol.com.br

Iago Ferraz Nunes (UFPI)
iagoferraznunes@gmail.com

RESUMO: Este trabalho versa sobre as dificuldades no processo de aprendizagem de alunos surdos matriculados em uma escola regular. Para tanto, temos como objetivo geral o de analisar as dificuldades de aprendizagem dos alunos surdos na escola pública. Nesta linha de pensamento trabalhamos com os seguintes objetivos específicos: observar as relações interpessoais entre: alunos surdos e professor; aluno surdo e intérprete; aluno surdo e aluno ouvinte, bem como identificar a abordagem de ensino adotada pelos professores (caso haja alguma metodologia específica), demonstrando suas viabilidades bem como da sua efetividade, assim como suas influências nas relações interpessoais no processo de aprendizagem do aluno surdo. Dessa forma buscou-se fundamentar este estudo através de leitura sistemática baseada em pesquisadores referência na temática para assim melhor compreensão e apropriação do conhecimento teórico embasamento em Bordenave e Martins (2015); Smith e Stich (2006); Skliar (2016); Lacerda (2014); Quadros (2008) entre outros. A pesquisa realizada é do tipo de campo e qualitativa que se iniciou a partir de observação em sala de aula, seguida de entrevista. Neste sentido, acreditamos que a escola tendo como papel principal a garantia de “Educação Básica para todos os cidadãos”, mas que ainda precisa adequar-se para atender a demanda, ainda assim sendo imprescindível que os profissionais da educação se qualifiquem para a educação voltada aos surdos a fim de que dessa forma, possa se pensar em uma inclusão real no contexto educacional e social das crianças com deficiência auditiva.

PALAVRAS-CHAVE: Processo de ensino-aprendizagem. Aluno Surdo. Inclusão Escolar.

INTRODUÇÃO

Este projeto tem por motivação a compreensão do processo de ensino e aprendizagem de alunos Surdos matriculados em uma escola de ensino regular em Teresina (PI) através da identificação das dificuldades encontradas e análise das relações interpessoais entre alunos, professores e intérpretes de Libras. Para tal análise, buscamos embasamento nos teóricos Corine Smith e Eliza Stich (2006); Carlos Skliar (2016); Lacerda (2014); Quadros (2008) dentre outros.

O interesse e relevância da presente pesquisa se dá para além do interesse pessoal dos pesquisadores, vez que a motivação é resultante da experiência profissional dos mesmos, bem como em sua vivência enquanto membros da comunidade surda, que, diariamente, ao trabalharem com Surdos, se deparam com alta taxa de evasão escolar e com precária formação escolar dos mesmos.

Pela dimensão continental do país, as pesquisas realizadas em regiões mais desenvolvidas como Sul e Sudeste, onde o Ensino de Libras e Educação de Surdos é mais antigo e por isso goza de mais estudos, a região Nordeste ainda carece de mais pesquisas de modo a constatar a realidade de ensino local para que assim instigue o aumento de pesquisas de modo a se analisar as dificuldades encontradas e meios de ultrapassá-las, para que assim, os Surdos recebam uma educação de qualidade e de modo equivalente a oferecida aos alunos não-surdos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É relevante investigar como decorrem os processos de aprendizagem de alunos surdos matriculados em Escola Regular visto as necessidades de adaptações metodológicas para contemplarem sua natureza visual.

Aprender é um processo que requer uma prática de observação de atividades propostas daquilo que se pretende ensinar e do que se pretende que o aprendiz compreenda, para então ser realizadas novas pesquisas para estabelecer diferenças/semelhanças dos conteúdos estudados e de fazer tentativas revisando e relembando com esforço para fixar o que aprendeu.

Conforme Bordenave e Martins (2015)

[...] a aprendizagem é um processo integrado no qual toda a pessoa (intelecto, afetividade, sistema muscular) se mobiliza de maneira orgânica. Em outras palavras, a aprendizagem é um processo qualitativo, pelo qual a pessoa fica melhor preparada para novas aprendizagens. Não se trata, pois, de um aumento de quantitativo de conhecimento, mas de uma transformação estrutural da inteligência da pessoa. Com os elementos descoberto através da observação [...], podemos construir um modelo simplificado do processo de aprendizagem (BORDENAVE; MARTINS, 2015, p. 26.).

Com as crianças surdas, esse processo também ocorre de forma integrada, ou seja, se essa criança nasce em uma família de pais surdos e ela também for surda,

se desenvolverá naturalmente através do contato seus pais. Porém, se essa criança convive só com pessoas ouvintes certamente terá muita dificuldade para desenvolver-se e comunicar-se (GOLDFELD, 2002).

De acordo com Griffo (2006, p. 40), todas as teorias desenvolvidas para explicação do “fracasso escolar” sofreram críticas pelas inconsistências de seus fundamentos, ao tempo que indicam sua relação direta ao modo de comunicação entre professores e alunos. A autora afirma que historicamente, houve uma tentativa de superação de uma pela outra. Cada teoria continha suas especificidades, e que é possível extrair dos conjuntos de suas concepções alguns aspectos. Ainda de acordo com a autora um primeiro aspecto é “referente ao problema localizado no aprendiz, as explicações se desenvolvem para apontar um culpado” o segundo aspecto é que as explicações para o fracasso escolar dizem respeito à maturidade. Ela acredita que a maturidade seja um fator determinante nos processos de aprendizagem escolar.

Nesse sentido, a autora afirma o seguinte:

É sabido que o preconceito cultural e linguístico é um dos grandes responsáveis pelo fracasso no processo de aquisição da linguagem escrita, pouco se sabe, no entanto, como o aluno que é discriminado dentro da escola pensa, sente e expressa a sua condição. (GRIFFO, 2006, p. 50).

Para a referida autora, o aluno que apresenta algum problema de aprendizagem é deixado de lado como se não tivesse nenhum tipo de capacidade de aprender e que “o preconceito aparece revestido de vocabulário técnico que aparenta ser legítima científico e inquestionável”, afirmando ainda, que:

A previsão que se tem do aluno é fundamentada numa visão preconceituosa das classes desfavorecidas a escola confirma por um teste de prontidão sempre marcado por vieses linguísticos, culturais e pedagógicos as suas hipóteses tendo assim de antemão as justificavas para o fracasso de determinadas alunas (GRIFFO, 2006, p.51).

Segundo Smith e Strick (2006), o termo “dificuldades de aprendizagem” refere-se não somente a um único distúrbio, mas, a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico.

Desse modo, partindo do termo dificuldades de aprendizagem, afirmam que: compreende-se que elas estão relacionadas com diversos fatores, como: a

metodologia utilizada, o ambiente físico, as estratégias pedagógicas que são insuficientes ou mesmo os motivos relacionados com o próprio contexto de vida do aluno. No caso de alunos surdos, sem dúvida, essas dificuldades de aprendizagens estarão diretamente relacionadas com a perda auditiva além de outros fatores dependendo do grau de surdez (SMITH; STRICK, 2006).

Nesse sentido ainda é possível imputar alguns fatores ligados ao grau de surdez. Assim, concordamos com as autoras ao afirmarem que “a deficiência, que mais tendem a causar problemas acadêmicos são aqueles que afetam a percepção visual, o processamento da linguagem as habilidades motoras finas e a capacidades para focalizar a atenção” (SMITH; STRICK, 2006).

Conforme Strobel (2009), pesquisadora surda da área de educação de surdos, estes têm sido desafiados desde sempre a aprender uma língua que não faz o menor sentido para eles porque não compreendem o português que também não é sua língua natural. Os alunos surdos ao fracassarem, se frustram e isso acaba levando-os ao isolamento, levando assim a sociedade os considerem incapazes de se desenvolverem intelectualmente e profissionalmente em função da barreira comunicativa.

Freire (2016) corrobora desta perspectiva ao considerar o direito à educação dessa comunidade de minoria linguística (surdos e deficientes auditivos), bem como da formação de profissional especializado que irá garantir esse direito – no caso, a formação do professor de língua portuguesa que tenha conhecimentos sobre as necessidades educacionais específicas e culturais de surdos.

Nesse sentido o ensino de língua portuguesa para os surdos deve ser pensado e minuciosamente planejado respeitando as dificuldades dos mesmos, visto que os surdos sempre foram marginalizados por acreditar-se na não capacidade deles de aprender. Dessa forma, Freire (2016) reafirma que:

A aprendizagem de língua portuguesa como primeira língua ou como segunda é direito de todos os cidadãos brasileiros e que o ensino dessa língua é de responsabilidade do Estado. Se o fracasso existe, ele tem de ser enfrentado a partir de uma proposta nova calcada nas reais necessidades do aprendiz surdo para quem a primeira língua é a língua de sinais e para quem a língua portuguesa é uma segunda língua com uma função social determinada. O ensino da língua portuguesa passaria a ser entendida com o ensino de uma língua instrumental com o objetivo de desenvolver no aprendiz habilidades de leitura e produção, escrita (FREIRE, 2016, p. 21).

Nesse sentido, atualmente as comunidades surdas têm conseguido várias conquistas através de suas lutas para garantir a efetividade de seus direitos à educação, em que a principal delas foi o reconhecimento do direito de comunicação e expressão através de sua língua natural: a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), através da Lei nº 10.436/2002.

Segundo Quadros (2008), as línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais por serem espaço-visuais. A realização dessa língua não é estabelecida pelos canais oral-auditivo, mas, através da visão, e da utilização do espacial da sinalização. Essa diferença na modalidade determina os mecanismos sintáticos que se diferem das línguas orais. As línguas de sinais são sistema linguísticos independente dos sistemas das línguas orais. São línguas naturais que se desenvolvem no meio em que vive a comunidade surda.

No entanto, hoje se sabe que os surdos - como qualquer cidadão - têm seus direitos linguísticos garantidos na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto de nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

Nesse sentido, o referido Decreto, em seu art. 22, garante medidas que possibilitem a acessibilidade em locais públicos ou que tenham relação com o Governo:

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I- escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II- escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

§ 2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação.

§ 3º As mudanças decorrentes da implementação dos incisos I e II implicam a formalização, pelos pais e pelos próprios alunos, de sua opção ou preferência pela educação sem o uso de Libras.

§ 4º O disposto no § 2º deste artigo deve ser garantido também para os alunos não usuários de Libras.

Porém ainda há muito por se fazer a respeito da formação dos professores, pois existem muitos profissionais que chegam à sala de aula sem qualificação específica tendo por consequência, a ignorância em como tratar e quais medidas devem tomar para possibilitar uma educação equalitária aos alunos surdos, tendo assim, que enfrentar uma nova realidade e cultura, para tanto, precisam não somente do contato e aprendizado, mas da conscientização da importância e do papel da Libras na vida dos surdos e deficientes auditivos (QUADROS, 2008 e STROBEL 2009).

METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de natureza exploratória por proporcionar mais informações sobre o assunto, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilita a delimitação do tema da pesquisa, tendo o ambiente como fonte direta dos dados (PRODANOV; FREITAS, 2013).

É também de abordagem qualitativa que se difere da abordagem quantitativa pelo fato de não utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas.

Enquanto seu procedimento, consideramos como monográfico por coadunar com Prodanov e Freitas (2013, p. 39) ao defenderem que:

[...] embora reconhecendo a importância de o pesquisador seguir um método como referência, entendemos que o ideal é empregar métodos e não um método, visando a ampliar as possibilidades de análise, considerando que não há apenas uma forma capaz de abarcar toda complexidade das investigações.

Teve como espaço de observação, Escola Pública situada na zona norte de Teresina – PI, referência na educação de surdos, na qual havia alunos surdos matriculados. Os sujeitos da pesquisa foram alunos surdos do 9º ano do ensino fundamental, bem como seus professores e respectivos intérpretes de Libras.

A pesquisa foi realizada em dois momentos: no primeiro momento fizeram-se necessário as observações em sala de aula; no segundo momento as entrevistas com

os participantes deste estudo que foram: dois professores, duas intérpretes e três alunos surdos.

Segundo Antônio Gil (2008) a pesquisa é definida como o procedimento racional e sistemático que tem o propósito, de solucionar um problema proposto, sendo requisitada quando não há informação suficiente para resolver tal problema.

Para compreendermos os processos de aprendizados nos aspectos pedagógicos nas escolas com os alunos surdos, realizou-se este estudo no período de setembro de 2018 a maio de 2019. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: a) observação em sala de aula; b) entrevista tipo fechada e c) análise de documentos.

De acordo com Menga Ludk (1986) o que caracteriza a pesquisa qualitativa é possuir em um ambiente natural sua fonte direta de dados e a pesquisados principal instrumento nesse sentido o pesquisador se coloca dentro do ambiente e situação que está sendo investigado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados nesta pesquisa demonstram que não há adaptações do conteúdo para Libras ao tempo em que os professores expõem os mesmos assuntos no quadro para todos, tanto surdos como ouvintes. Quando todos terminaram de copiar a professora explica o assunto. Dessa forma, a única preocupação com o entendimento/aprendizado do aluno surdo, é a presença da interprete na sala de aula, não havendo utilização de recursos imagéticos.

Sobre os conteúdos, os professores seguem o cronograma ou planos de disciplinas fornecidos pela Escola, que por sua vez já são repassados pela Secretaria de Educação do Estado.

Desse modo, sempre que surge alguma dúvida o aluno surdo procura o intérprete e pergunta para ele sobre o que quer saber. Há uma relação de confiança proximidade mais dos surdos com a intérprete do que com os professores. Percebemos aqui um claro desvio de função que dos intérpretes, que assumem a responsabilidade de tutorar os alunos surdos, como se fosse sua obrigação o papel de ensino. O correto deveria ser o professor perguntar diretamente ao aluno surdo se este tem alguma dúvida e lhe responder, tendo o intérprete apenas para fazer a

transição entre línguas. Bem como por não ser função dos profissionais intérpretes o ensino, visto que estes não têm formação para tal, seria também mais adequado que estes repassassem aos professores as dúvidas dos alunos surdos, ao invés de tentar lhes ensinar o conteúdo.

Se algum aluno (ouvinte) tem dúvidas, os professores explicam novamente, alguns perguntam se os alunos compreenderam da mesma forma, mas os surdos continuam sem compreender esses conteúdos e sem se manifestar, acarretando assim em uma desmotivação. Possível perceber que a posição de ser minoria em sala e já ter muita visibilidade pela modalidade da Libras e presença do intérprete, os alunos surdos ficam intimidados/envergonhados em manifestar suas dúvidas.

Nesse sentido ao questionar se aluno tira dúvida com professor ou a intérprete sobre o conteúdo apresentado na aula, obtivemos as seguintes respostas:

Intérprete I: Tem três professores que as alunas costumam interagir. Quando as outras professoras não procuram conversar com as alunas elas se sentam mais à vontade para perguntar. Quando não se sentem elas perguntam a mim.

Intérprete II: Raramente eles perguntam

Quando perguntadas sobre a existência de adaptações pensadas para os alunos surdos:

Intérprete I: Não.

Intérprete II: Não, não existe nenhuma adequação, nenhum recurso em sala de aula.

As intérpretes também relatam sobre as dificuldades encontradas ao iniciarem suas práticas:

Intérprete I: A maior dificuldade foi em relação aos surdos é não saberem Libras e também não saberem ler.

Intérprete II: Quando comecei aqui me assustei, pois os alunos surdos não sabiam Libras aí tive dificuldades e, as vezes usava gestos. Hoje em sala de aula sinto essa dificuldade com alguns alunos surdos.

Notamos que a dificuldade ultrapassa os quesitos metodológicos e de materiais, pois a comunicação é difícil mesmo entre os alunos surdos e intérpretes, vez que eles não compartilham uma língua que possibilita uma comunicação clara.

Sobre as dificuldades que os professores encontraram quando iniciaram sua prática com alunos surdos, relataram o seguinte:

Professor I: As dificuldades com o trabalho com alunos surdos foi a falta de conhecimento em língua de sinais.

Professor II: As dificuldades que encontrei foram relacionadas a comunicação. Não tinha sido preparada para trabalhar com ensino de surdos... Sua cultura... Dificultou muito.

Quando os professores foram questionados sobre seu conhecimento de Libras, responderam:

Professor I: Apenas os sinais básicos do curso de Libras básico.

Professor II: Sim, devido a necessidade de comunicação eu procurei fazer um curso de Libras e isso melhorou muito a relação professor aluno na sala de aula e convívio escolar.

Deste modo, é possível notar que além da falta de material adequado, há os agravantes de os próprios alunos surdos serem analfabetos em Libras e Português, além do fato de ficar a critério dos professores a imersão na cultura e língua natural dos surdos. Um professor fez cursos de Libras por conta própria, enquanto outro se limitou ao curso básico. A realidade atual é que os cursos de licenciatura e fonoaudiologia tem por obrigação a disciplina de Libras, mas esta se faz insuficiente enquanto a carga-horária, pois nem em uma disciplina de 60h, é suficiente para se adquirir fluência na língua ou se apropriar dos aspectos culturais que servem como ajuda para compreensão de quais são as particularidades que os surdos têm e o que pode ser feito para superar as barreiras comunicacionais, como o fato de serem visuais, lhe coloca em um plano restrito de abstração, pois sua compreensão está diretamente ligada ao que veem.

Uma hipótese levantada e que necessitará de um aprofundamento em pesquisa posterior, é o que motiva (ou não) o professor a buscar (ou não) um curso de Libras. Levantamos a possibilidade de acomodação dos professores, primeiramente pela idade, vez que a maioria já atuam profissionalmente há décadas, então já estão acostumados com uma realidade de ensino que se dá de modo repetido, e ao se depararem com um aluno surdo, não se motivam em buscar atualização, vez que normalmente é só um aluno surdo em uma sala de 40 ouvintes. Também nos questionamos sobre o fato da não procura por atualização/qualificação demandar tempo, esforço e investimento financeiro, que servem como fatores de desestímulo, além de não serem cobrados por tal.

De acordo com Lacerda (2014, p. 27),

[...] a escola que o surdo precisa, defendida no decreto nº 5.626 é a escola real oferecida aos surdos ainda são bastante diferentes. Apesar do diálogo estabelecido entre os pesquisadores e o município, a experiência de educação focalizada ainda reflete os princípios de uma educação inclusiva compreendida apenas como a inclusão de surdos na rede regular que é pensada e se organizam para alunos ouvintes. Esse é o grande obstáculo do processo inclusivo dos surdos na educação.

Quanto à interação entre alunos surdos e ouvintes: há interação. Alguns ouvintes até tentam sinalizar em Libras com os surdos, porém sempre que chega a hora do recreio ou intervalo os surdos buscam seus pares surdos e se fecham para comunicarem entre si, visto que é mais cômodo por se “entenderem” mais facilmente.

Desse modo, a escola tem um papel fundamental no que diz respeito à aprendizagem de todos seus estudantes, sejam eles surdos ou não.

É necessário que a escola busque desenvolver atividades e projetos que possam desencadear nos alunos surdos e ouvintes, motivações em aprender e desenvolver sua própria autonomia ao mesmo tempo, bem como em buscarem abaixar os muros que os isolam em “grupinhos” e os coloquem em um mesmo ambiente de interação.

Os alunos surdos enfatizam que encontram muitas dificuldades tanto nas disciplinas como na falta de adaptação conteúdos e de recurso visuais:

Surdo I: Foi no começo do ano letivo que não tinha intérprete e as alunas ouvintes não sabiam Libras

Surdo II: Quando em outra escola não tinha intérprete eu me sentia sozinha também não sabia Libras, mas quando fui transferida para esta escola melhorou porque já tinha intérprete.

Surdo III: Minha maior dificuldade foi com as disciplinas que aumentaram;

Surdo I: Em algumas disciplinas tenho mais dificuldades porque faltam recursos visuais

Surdo II: A dificuldade maior foi maior é a falta de adaptação as provas e também falta recursos visuais

Surdo III: Sinto mais dificuldades na disciplina de português porque não conheço bem a língua.

Quanto ao ensino de alunos surdos, se faz necessário que a escola tenha uma cobrança e possibilite a formação continuada para os professores surdos e ouvintes que já convivem naquela realidade, para que assim possam ser incluídos tanto os estudantes surdos quanto os ouvintes, independentes da língua de cada um deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível que os profissionais da educação se qualifiquem na educação especial e inclusiva, no caso, com foco nos surdos a fim de que dessa forma, possa haver a inclusão de fato no âmbito educacional e social.

Os profissionais que possuem capacitação nessa área precisam criar estratégias ou adaptar as já postas em prática com intuito de atender a necessidade inclusiva pois esses estudantes necessitam dessas adaptações de conteúdos com recursos visuais para assim, se desenvolverem e terem uma aprendizagem real.

Dos professores observados e entrevistados, apesar de já terem contato e certa experiência no ensino de surdos pelo fato da escola sempre receber uma quantidade grande quantidade de alunos surdos e deficientes auditivos, eles não possuem qualificação específica para atuarem com a educação especial e inclusiva, faltando assim, domínio de técnicas e teorias necessárias. Nos relatos que demonstraram alguma adaptação feita com o intuito de atender as necessidades educacionais dos surdos, estas se dão pela experiência e observação adquiridas nos anos de magistério do professor, mas sem embasamento teórico, que poderia lhe poupar trabalho e potencializar os resultados, vez que não necessitaria tanto tempo de observação e experiências de tentativa e erros, que por sua vez, podem prejudicar o aluno, funcionando sempre como uma forma de teste, em que somente durante a realização será verificada a eficácia, sendo assim arriscado, pois caso não seja eficiente, o professor fica sem plano reserva e acaba por se desestimular e deixar o aluno surdo desassistido.

É necessário que a Escola, em parceria com as famílias, faça um trabalho também de conscientização com estes alunos assistidos, para que eles desenvolvam senso crítico e sejam agentes de mudança da própria vida, podendo assim, os três agirem em cooperação em busca de alternativas que sanem as necessidades e problemas encontrados diariamente, bem como em cobrar que o governo destine orçamento para promover capacitação os profissionais que já atuam no ensino inclusivo, bem como para contratação de novos profissionais que estão se qualificando para atuação, tornando o mercado atraente para os profissionais que pesquisam a área em mestrados e doutorados, pois somente aplicando a teoria na prática, que o desenvolvimento será satisfatório.

Entendemos que as Escolas necessitam de mais recursos para investir no corpo docente, nos fazendo questionar que essa responsabilidade de capacitação, de fato é do Governo, que deveria ofertar com regularidade. Os gastos na educação precisam ser encarados como investimento.

Uma vez os maiores interessados: surdos, deficientes auditivos e família estando conscientes dos seus direitos, podem cobrar juntamente com os professores e dirigentes das instituições de ensino por mais investimentos, materiais e qualificações, pois o Estado lhes exige desempenho e que os alunos aprendam, ao mesmo tempo que não lhes dá condições para tal.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei** Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

Brasília, DF, mar 2017. Disponível em: <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 9 jul. 2019.

BRASIL. **Decreto** Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2002.

Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, mar 2017. Disponível em: <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>.

Acesso em: 9 jul. 2019.

DIAZ BORDINAVE, Juan e PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Ed. 31. Pelotas, RJ, Vozes 2015.

FREIRE, Alice Maria da Fonseca. **Aquisição do português como segunda língua: uma proposta de currículo para o Instituto Nacional de Educação de Surdos**. IN: SKLIAR, Carlos. (Org). **Atualidades da Educação Bilíngues para surdo: Interface entre pedagogia e linguística**. 6ª Ed. Porto, Mediação, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnica de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo, Atlas, 2008.

GRIFFO, Clénice. **Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização: Perspectivas do Aprendiz**. IN: GOMES, Maria de Fátima Cardoso, e SENA, Maria das Graças de Castro. (Orgs). **Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização**. 2 ed. 3ª reimp, Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

LACERDA, Cristina B. F. **Intérprete de LIBRAS em atuação na educação e no ensino fundamental**. 6. ed. porto alegre, Mediação, 2014.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU. 1986.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS. Ronice Miiller de. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto alegre, Artimed, 2008.

SMITH, Corine; STRICK, Lisa. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre, Artmed, 2006.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

APÊNDICES – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

APÊNDICE A

Questões e respostas dos professores.

1. Quais são as dificuldades que você encontrou, quando iniciou sua prática com alunos surdos?

Professor I: As dificuldades com o trabalho com alunos surdos foi a falta de conhecimento em língua de sinais.

Professor II: As dificuldades que encontrei foram relacionadas a comunicação. Não tinha sido preparada para trabalhar com ensino de surdos... Sua cultura... Dificultou muito.

2. Que conteúdos você utiliza em sala de aula?

Professor I: Sempre que entro em sala de aula utilizo o apoio de intérpretes de Libras

Professor II: O conteúdo referente à minha disciplina língua portuguesa, com suporte didático variado: livros, paradidáticos, filmes, músicas, dinâmicas etc.

3. Existe alguma adaptação em relação aos conteúdos voltados para os surdos?

Professor I: A adaptação é realizada através da interpretação dos intérpretes, pois o conteúdo, atividades e provas são os mesmos adotados para os alunos ouvintes.

Professor II: Infelizmente não. Os conteúdos são ensinados da mesma forma para todos. O faço é explicar mais pausadamente, procurando resumir de forma compreensiva para os surdos a fim colaborar com nossos intérpretes.

4. Quais estratégias são utilizadas para superar as dificuldades apresenta pelos alunos surdos?

Professor I: A presença dos intérpretes de Libras e o apoio dos professores do AEE no contra turno.

Professor II: Promover aulas dinâmicas, envolvendo a participação deles em atividades. Estimular a autoestima de cada um, com diálogos e inferências de conteúdos.

5. Você compreende ou estuda a língua de sinais?

Professor I: Apenas os sinais básicos do curso de Libras básico.

Professor II: Sim, devido a necessidade de comunicação eu procurei fazer um curso de Libras e isso melhorou muito a relação professor aluno na sala de aula e convívio escolar.

APÊNDICE B

Questões e respostas das intérpretes

1. O aluno interage com os professores?

Intérprete I: Apenas com alguns.

Intérprete II: Nem sempre. Depende do professor que estiver na sala de aula.

2. Eles (as) perguntam ao professor ou a intérprete sobre o conteúdo apresentado na aula?

Intérprete I: Tem três professores que as alunas costumam interagir. Quando as outras professoras não procuram conversar com as alunas elas se sentam mais a vontade para perguntar. Quando não se sentem elas perguntam a mim.

Intérprete II: Raramente eles perguntam.

3. Quem responde o professor ou intérprete?

Intérprete I: Por algumas vezes ambas respondem, depende do professor e do momento da aula.

Intérprete II: O professor, mas, às vezes o intérprete responde. Mas no caso, quando eu sei, eu respondo.

4. Existem alguma adaptação em relação aos conteúdos voltados para os surdos?

Intérprete I: Não.

Intérprete II: Não, não existe nenhuma adequação, nenhum recurso em sala de aula.

5. Quais são as dificuldades que você encontrou, quando iniciou sua prática com alunos surdos?

Intérprete I: A maior dificuldade foi em relação aos surdos não saberem Libras e também não saberem ler.

Intérprete II: Quando comecei aqui me assustei, pois os alunos surdos não sabiam Libras ai tive dificuldades e, as vezes usava gestos. Hoje em sala de aula sinto essa dificuldade com alguns alunos surdos.

APÊNDICE C

Questões e respostas dos alunos surdos

1. Quais foram suas maiores dificuldades quando você começou estudar aqui nesta escola?

Surdo I: Foi no começo do ano letivo

Que não tinha intérprete e as alunas ouvintes não sabiam Libras

Surdo II: Quando estudava no escalão do mocambinho não tinha interprete eu me sentia sozinha também não sabia Libras, mas quando fui transferida para o Matias melhorou porque já tinha interprete.

Surdo III: Minha maior dificuldades foi com as disciplinas que aumentaram.

2.Quais dificuldades você tem com as disciplinas que os professores ensinam. Você compreende rápido?

Surdo I: Em algumas disciplinas tenho mais dificuldades porque faltam recursos visuais

Surdo II: A dificuldade maior foi maior é a falta de adaptação as provas e também falta recursos visuais

Surdo III: Sinto mais dificuldades na disciplina de português porque não conheço bem a língua.

3.Como você consegue compreender a explicação dos professores quando a intérprete não está na sala de aula?

Surdo I: Não consigo entender.

Surdo II: Não entendo nada.

Surdo III: Não entendo sem a intérprete.